


 17
JUNHO
1972

A Biblioteca Pública de Braga

TRIPULANTE

MANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

Comentando as encerradas

Festas do Concelho

Correu o pano. Pertencem ao passado as Festas concelhias do ano de 1972. Deixemos, antes que o tempo as lance no alvido, algumas impressões sobre quanto se viu e ouviu e pode de algum modo interessar a presentes e ausentes.

A primeira e mais rotineira das conclusões é de que temos as condições naturais, pela situação indole do meio para realizar as Festas com garbo e de maneira a honrar o concelho.

As ornamentações a cargo de António Joaquim de Barros, da Póvoa de Lanhoso, voltaram ao esplendor de tempos idos emprestando às artérias locais o brilho de que carecem nestes dias de euforia, ao mesmo tempo de que são propaganda que conta.

As Bandas mostraram, como se contava, que são do que há de melhor no País, e entre os ranchos que nos visitaram e se exibiram a contento geral, alguns mereceram mesmo nota de relevo.

Neste ponto merece uma palavra de simpatia a improvisada marcha de Santo António que, precisamente pelo imprevisto deu uma nota alegre, estando de parabéns os componentes e organizadores. Terra de pergaminhos no que refere a ranchos, cumpre perguntar quando voltaremos a marcar posição organizando um conjunto do género.

Fogo, fogueiras, gigantones, cabeçudos, etc., nada faltou a formar aquele conjunto que tornam as Festas dignas da representação que têm.

Os actos religiosos merecem também um comentário de agrado pois tudo correu de maneira a satisfazer, mas a Procissão em honra de Santo António, já com fama de grandiosa e bela, ultrapassou o que vai sendo costume quer nos figurados quer na disciplina e brio da organização.

Os números desportivos do programa decorreram também sem o mais peque-

no reparo, a não ser o que elogiosamente tem de se fazer à corrida ciclista que voltou a ser um número entusiasmante e vivo, chamando uma verdadeira multidão de assistentes.

Louvor alto merece a organização das Festas pois em coisa alguma se notou a mais pequena discordância.

Tudo decorreu sem se notar, sem melindre, sem solavancos como que a dizer que tudo é tão fácil, porque, efectivamente, tudo é muito fácil quando é bem feito.

A Comissão deste ano, na qual subressaiu os nomes de António Baptista Fernandes, José Barbosa de Macedo e João Gonçalves, merece um encómio particularmente significativo.

As Festas deste ano tive-

ram uma nota que não é vulgar, a inauguração de dois estabelecimentos comerciais. Um, principalmente, o Restaurante-café «Milho Rei» tornou-se visita obrigatória para todos e ninguém deixou de pronunciar palavras de louvor e mesmo de exclamação perante a grandeza e a beleza de quanto viram.

Em verdade estamos perante um conjunto que honra o Concelho e que o vai tornar mais conhecido.

Em síntese, pois, teremos de dizer que as Festas de 1972 foram grandes, dignas das tradições a comparar às maiores que se têm feito.

Parabéns a todos quantos querem o seu Concelho prestigiado.

A Independência das Nações

As nações, quando têm a felicidade de possuir governos eminentes, isto é, governos como o de Marcelo Caetano, constituídos por homens activos de comprovada idoneidade, que só idealizam o progresso de todas as classes sociais, com o desenvolvimento de inúmeras actividades e a criação de muitas obras dispersas por todo o país (indústria, agricultura, vinicultura, barragens, aeroportos, auto-estradas, turismo e outras modalidades produtivas de carácter económico), impõem-se com dignidade e honra graças à sua política de concordância com as aspirações e desejos dos povos e, especialmente, pela exemplaridade dos seus ministros na conduta assumida em todos os sectores político-económicos.

Diga-se, em abono da verdade, que todo o bom português preza, que só assim

o governo de Marcelo Caetano poderia alcançar o prestígio da sua independência e da sua dignidade, levantando orgulhosamente o País do estado caótico em que os nossos antepassados o lançaram, baseados num sistema político vergonhoso e de variadíssimas paixões, sem uma finalidade concreta de organização e de economia nacional, maculando-se num labéu que ultrapassou as nossas fronteiras; e, por isso, Marcelo Caetano, inteligente e perspicaz, se baseou numa outra política diferente e mais honrosa, acessível a todas as classes, causando a admiração e o respeito de povos distantes, que organizam excursões para admirar, visitar e conhecer o progresso da maior obra que se levanta em PORTUGAL.

Arsénio Sampaio de Andrade

Notas à margem

um passeio memorável

Já se lá vão bastantes anos que um velho e experimentado Mestre de história — que a morte arrebatou — aconselhava, quando íamos de férias, para, durante elas, organizarmos passeios e emprender viagens, pois era, no seu entender, a distração mais inocente e saudável que poderíamos conseguir.

Então, nesses verdes anos da minha juventude que não volta, mal me apercebia eu do alcance e dimensão desse conselho amigo do hoje saudoso Mestre. De facto, se o leitor atentar na análise etimológica do termo «INOCENTE» verificará, logo «a priori», a existência de dois elementos fundamentais «in e noceo», do latim. «IN», prefixo de negação que, aplicado a determinado termo ou palavra lhe confere significado inteiramente oposto ao normal. «NOCEO», verbo latino que significa fazer mal. Daqui, e com a mesma raiz, a palavra portuguesa «nocivo». Portanto, «INOCENTE» quer dizer: que não faz mal; inofensivo; que não tem maldade; coisa que é cândida e pura, etc. «SAUDÁVEL», porque nada mais reconfortante, para o espírito e para o corpo, do que subir e inspirar e expirar a plenos pulmões o ar fresco das montanhas e espriar o olhar pelo vasto e deslumbrante horizonte, polícromo no seu aspecto e palpitante de vida nesta quadra do ano. Pois bem, leitor amigo! Como nem só de pão vive o homem, pequeno grupo de funcionários públicos do concelho de Amares e limítrofes, aproveitando o feriado do dia 10 (o grande dia da raça) e subsequente domingo, tiraram-se de seus cuidados, meteram a mão nas magras algibeiras, reuniram uns tostões — a união faz a força — e partem deabalada numa pequena camioneta em demanda de paragens diferentes daquelas que o dia a dia lhes proporciona no seu ajustamento de pequenas peças da Máquina Administrativa. E poucas horas volvidas, alcança-se o Marão que, no seu conjunto corográfico, se integra no

distrito de Vila Real, em cuja sede almoçaram.

Porém, como o percurso previamente traçado era longo, o veículo que os transportava obedece ao maneio dos comandos e muda de direcção, rumo a Viseu.

Descíamos já a famosa região do Alto Douro, com suas escarpas carecterísticas, a contrastar com sucalcos e balcões prenhes de bem cuidada vinha que nos maravilhou, dando a impressão a que passa de enormes pentes de teares gigantes. A vinha, caro leitor, é, nesta região duriense, o seu maior e quase único índice de valor económico.

O nosso colega Eurico, acompanhado da sua querida Hermengarda, — nado e criado naqueles sítios, faz de cicrone e vai de botar «faladura», quer chamando a atenção dos companheiros para este ou aquele facto, quer fazendo resumida história do que vinha saber.

Assim rodávamos a velocidade moderada, que a coisa não era para menos, conduzidos por mãos de competente técnico, quando, ao longe, altaneiro e magestoso, surge, como que por encanto, farol de Fé Católica, o Santuário de Nossa Senhora dos Remédios, em Lamego. Fomos lá e rezamos à Senhora, depois de visitarmos

«Continua na 4.ª página»

Hospital desta Vila

Esteve, entre nós, o Snr. director no Norte das construções hospitalares que se fazia acompanhar do projecto de embelezamento do dito Hospital no que refere à fronteira e aos terrenos circundantes.

Nesse projecto prevê-se a construção de uma via que passa pela rectaguarda do edifício e a criação de uma zona verde na qual seriam implantadas a lavandaria, casa mortuária e infantário.

Para esse fim a Santa Casa terá de adquirir os terrenos necessários para cujo efeito foram iniciadas as diligências precisas.

Actividades Circum-Escolares da Escola Preparatória Sá de Miranda

Tarde desportiva em Ponte de Lima

No dia 3 do mês em curso, os alunos desta escola deslocaram-se à sua congénere de Ponte de Lima a fim de, conjuntamente, realizarem uma tarde desportiva.

Para além deste ou daquele resultado obtido nas provas disputadas-futebol e andebol-um convívio sócio-escolar-a todos os títulos louvável-foi a nota dominante deste encontro entre estes dois estabelecimentos de ensino.

Depois de recebidos pelo Ex.mo Director da Escola António Feijó e de uma visita a todas as instalações escolares, o parque de jogos foi pequeno para suportar uma juventude plena de alegria e disposição.

Muito agradável nos foi, ao vermos aquela convivência entre amigos jovens que, aliás, pela segunda vez se visitavam.

Finda a tarde desportiva, outro grande momento de convívio aconteceu-uma recepção ao bar da escola onde foi apresentado um abundante lanche a todos os alunos.

Estão de parabéns os organizadores deste encontro juvenil-escolar.

Ao terminar esta pequenina crónica, não podemos esquecer o agradecimento que a Direcção desta Escola de Sá de Miranda envia ao Senhor Director da Escola António Feijó.

EM BRAGA

PREFIRA

RESTAURANTE AVENIDA

DE

Eugénia Ferreira de Oliveira Machado

e

Manuel Gomes Machado

Almoços, Jantares, Serviço de Casamento

e à Lista

Avenida Central, 131—Telefone 24357 — Braga

2.ª Publicação



Tribunal Judicial da Comarca

—DE—

AMARES

ANÚNCIO

Pela Secção de Processos da Secretaria Judicial desta comarca correm éditos de VINTE DIAS, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado JOSÉ JOAQUIM CALDAS, solteiro, maior, ausente em parte incerta de França e com última residência conhecida no lugar da Ponte, freguesia de Lago, desta comarca, para no prazo de DEZ DIAS, posterior àquele dos éditos, reclamarem o pagamento dos seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, na execução de sentença que àquele executado move Isidora Martins Caldas, viúva, doméstica, da mencionada freguesia de Lago, desta comarca.

Amares, 2 de Junho de 1972

O Juiz de Direito

Alfredo Jaime Menéres

O Escrivão,

Guilherme José da Silva

Telefone dos Bombeiros

de Amares — 6 2 1 6 2

S. FRANCISCO

«O LOBO DE GÚBIO»

O lobo, tinha sido roubador
De cordeiros, e mansas ovelhinhas;
Tinha causado aos povos o terror
Naquela terra, e noutras mais, vizinhas:

Um dia, S. Francisco, no pendor
Da serra o encontrou; e com gracinhas
A fera chama, em nome do Senhor,
E diz-lhe assim: — «Também morder-me vinhas!»

«O lobo roubador, ó meu irmão,
«Se és acaso, voraz, por natureza,
«Combate-me essa horrível condição!

«Com bondade transforma o que é fereza!
«Vamos por esse mundo... , mão a mão,
«Que bons frutos dará a gentileza.

Telefones para serviços



DE URGÊNCIA

Casa de Saúde de Amares	62122
Farmácia Pinheiro Manso	62127
Guarda Nacional Republicana	62115
Farmácia Marques Rêgo	62121
Doutor Eduardo Gonçalves (Médico)	62145
Doutor José Fernandes Médico Amares	62123
Doutor João de Sousa Fernandes (Médico B. S.M.ta)	62162

CALAFRIO

Continuado do número anterior)

esses silêncios, pausas de toda a vida, que não tinham a mais pequena relação com o maior ou menor barulho que poderíamos estar a fazer de momento, silêncios esses que me era possível ouvir no meio de uma profunda jovialidade, de uma rápida recita ou de uma infernal barulheira do piano. Era então que os outros, os lá de fora, estavam presentes. Conquanto não fôssem anjos, «passavam», como dizem os franceses, produzindo em mim, enquanto permaneciam, um arrepio de temor, receosa como eu ficava de que eles dirigissem às suas jovens vítimas alguma mensagem ainda mais infernal ou alguma imagem ainda mais viva do que eles pensavam boa para mim.

Uma das coisas que mais dificilmente me desembaraçava era a ideia cruel que consistia em eu ter a certeza de que por mais que eu tivesse visto, Miles e Flora viam muito mais medonhas e incríveis coisas relacionadas com os horríveis factos dos tempos passados. Tais coisas deixavam-nos na epiderme, naturalmente, um calafrio que ruidosamente nos negávamos sentir; e, com a repetição destes acontecimentos, tínhamos todos três acabado por ter um tão esplêndido treino que, todas as vezes que isto acontecia, para marcarmos o fim do incidente, fazíamos, quasi automaticamente, os mesmíssimo movimentos. Era certo que as crianças, acontecesse o que acontecesse, me haviam de beijar muito, com uma espécie de feroz despropósito, e que jamais deixariam — quer uma quer outra — de me fazer uma daquelas preciosas perguntas, nossos recursos no meio de tantos perigos. «Quando supõe que ele virá? Não acha que lhe devemos escrever?» Não havia nada como este inquérito, por experiência o sabíamos, para nos salvar de embaraços. «Ele», é claro, era o tio de Harley Street; e nós vivíamos conjecturando de que ele surgiria de um momento para o outro no meio do nosso grupo. Ninguém encorajara menos uma tal ideia do que ele, mas, se nós não tivéssemos tido esse expediente como recurso, ter-nos-íamos privado uns aos outros das nossas mais belas representações. O tio nunca escrevia aos pequenos — o que poderia ser egoísmo, mas era, apenas, uma das suas maneiras de elogiar a confiança que depositava em mim, pois uma das maneiras de que os homens se servem para render o seu mais alto tributo à

mulher não é senão celebrarem mais festivamente as sagradas leis do seu próprio conforto deles; e eu pensava respeitar ao máximo o espírito da promessa que lhe fizera, nunca apelando para ele, sempre lhe deixava perceber aos meus discípulos que as cartas que lhe mandavam eram apenas deliciosos exercícios literários. Tais cartas eram belas demais para serem enviadas para o correio; guardava-as comigo; ainda as conservo todas neste momento. Isto, é claro, apenas servia para aumentar o efeito satírico que advinha de eu continuar a ser enfadada com a hipótese de que o tio poderia, em qualquer ocasião, aparecer entre nós. Era precisamente como se os nossos amigos notassem ser isso para mim quasi mais embaraçoso do que qualquer outra coisa. Quando me recordo disto, afigura-se-me, aliás, que nota mais extraordinária, no meio de tudo isto, era o facto de eu, apesar da minha tensão nervosa dos triunfos dos pequenos, nunca ter perdido a paciência para com eles. Muito adoráveis devem eles ter sido, realmente, só agora o compreendo, para eu os não ter odiado nessa altura! Mas não me teria o desespero traído, finalmente, se tivesse demorado mais o auxílio que por fim chegou? Pouco importa, visto que chegou. Chamo-lhe auxílio, quando é certo não ter passado, afinal, de uma espécie de alívio que o estampido costuma trazer a um estado de tensão ou do ribombar da trovoadas num dia abridor. Ao menos foi uma mudança, e veio como uma torrente.

CAPÍTULO XIV

Certo domingo, ao dirigirmo-nos para a igreja, o pequeno Miles ia a meu lado e a sua irmãzinha, diante de nós, ao lado de Mrs. Grose, bem à vista. O dia estava agreste e claro; havia bastante tempo que se não via um tempo assim; durante a noite caíra um ligeiro orvalho, e o ar de outono, brilhante e agudo, tornava quasi alegre o toque dos sinos. Por um mero acaso, aconteceu sentir-me eu, naquele momento, gratamente impressionada com a docilidade dos meus pequenos pupilos. Por que não se apercebiam eles da minha perpétua e inexorável companhia? Fosse o que fosse me havia convencido de que eu quasi fizera do pequeno minha sombra e que bastaria a maneira como as nossas companheiras seguiam disciplinadas diante de mim para eu parecer preparada contra qualquer perigo de rebelião. Dir-se-ia ser eu um carcereiro vigilante contra qualquer possível surpresa ou qualquer tentativa de fuga. Mas tudo isto pertence — refiro-me à magnificente rendiçãozinha dos pequenos — tudo isto pertence apenas ao especia atavio dos acontecimentos mais insondáveis. Bem preparado pelo alfaiate do seu tio, que tinha um bom corte e muito gosto

(Continua no próximo número)

TRIBUNA do CONCELHO

Notícias do Concelho

O amigo Augusto Costa regressou aos E. U. sem levar um abraço e uma lembrança para o Armando Martins que deve estar, como todos os Amarenses estarão, pesarosos por não assistir às ruidosas festas Antoninas. Os programas espalhados trazem uma verdadeira feira de amostras que ninguém tem coragem de resistir às tentações. São só três dias, que valem por uma vida, se para o ano não for vivo quem presenciar os espetáculos deste ano.

Temos uma Jovem Comissão de festas que encostada ao bairrismo do Dr. Paulo Macedo, que também é jovem levam tudo de vencida pondo em alvoroço toda a gente deste concelho e crente nos prodígios do anfitrião defensor oficioso de todos os males que possam afectar a vida animal. Para mim nunca lhe pedi nada embora do mesmo Reino pertença mas já foi beneficiado porque salvei da morte um animal de raça suína depois de perder as esperanças com os remédios aplicados a conselho de um veterinário que me mandou abrir uma cova para enterrar o bicho. Isto, e os deslumbramentos programados, chegam para o sucesso que se espera e aos quais estamos habituados com festas anteriores que as consagraram e puzeram o nome de Amares no pedestal merecido.

Notícias de Melhoramentos

O referido amigo Augusto lê e relê as notícias do concelho. Acha pouco. Quer mais notícias da sua terra. Para lhe ser agradável e a todos os emigrados, digo que ainda que fosse sacrifício o que escrevo anualmente, não deixaria de o fazer para lhes mostrar o quanto sei do prazer que sentem com notícias da sua terra. Mas escrevo, como devem compreender sem dificuldades e com prazer, porque é com isto que passo as horas melhores da minha vida sem tirar outro resultado senão o da vossa amizade. Podereis estar certos que nunca vos faltarão notícias da terra e só acabarão com a minha morte ou se a tribuna se zangar comigo.

Melhoramentos

É vasto o programa previsto pela Câmara de obras de grande utilidade pública. Algumas já começaram outras aguardam verba que as subsidie mas todas elas se realizam porque estamos com gente disposta a lutar pelo progresso da Pátria. Precisamos de evitar a imigração

de elementos que fazem falta e só com o desenvolvimento é que se pode travar a fuga, logicamente admitida. Vai começar a electrificação total de todas as freguesias do concelho que ainda não tenham esse benefício. Carrizado começa já a preparar-se para inaugurar a luz pública. É uma das afirmações feitas pelo Presidente da Câmara no copo de água a que assistiu no dia da inauguração da jovem residência Paroquial e em resposta a um repto lançado no discurso proferido pelo Manuel Eusébio presidente da Junta de Freguesia. Eu fiquei pasmado com mais esta sua capacidade linguística. Eu e todos. Já o conhecemos como arquiteto predistinado para a arte e agora mais esta qualidade para o completar como persona grata. As estradas municipais em mau estado estão a ser concertadas. Uma triste notícia lida no Comércio do Porto é que a fronteira do Gerez não abre por determinação do Governo Espanhol.

As famosas termas, o concelho de Amares e a cidade de Braga tem um incalculável prejuízo com essa resolução e até o Parque Nacional do Gerez será afectado pela falta de entrada livre de espanhóis da zona fronteiriça que o desejariam visitar. Pode ser que haja mudança de opiniões e nesta altura lembro-me do falecido governador Santos da Cunha que trabalhou muito para conseguir a promessa dos dois governos. Se ele fosse vivo concertaria a esta hora daria pulos para saber o porquê desta alteração na promessa feita no local. O plano de fomento aprovado modifica muitas coisas tornando Amares uma terra desconhecida, visitada depois das obras concluídas.

Da ponte do Bico à Igreja de Lago segue uma estrada que melhora muito as condições precárias em que vivem os habitantes do lugar da Ribeira.

O lugar da Corredoura na Feira Nova vai ser urbanizado e o grande industrial Paulo Macedo já deu início com o prédio que mandou construir para o Restaurante, Café, Pensão e Snack-Bar Milho Rei, com exigências que não é fácil encontrar quem o suplan'te. Lá estão metidos quatro homens de um só rosto e de uma só fé chefiados pelo sócio sr. Dr. Paulo Barbosa de Macedo.

Por

Elísio Gonçalves
Carrizado—Amares

Vida Alguma

Aniversários

Fazem anos:

Hoje, dia 17, o sr. Joaquim António Pereira, ausente no Brasil.

No dia 19, o sr. Manuel Augusto Machado da Costa, na América do Norte.

No dia 20, o sr. Tomé Silvério Gonçalves de Macedo.

No dia 22, o sr. Ulisses Walter da Silva, funcionário da Reparação de Finanças de Amares, e a Menina Maria Aida de Sousa Pinheiro.

«Tribuna Livre» deseja a todos os aniversários que passem um dia muito feliz e que esta data se prolongue por infindáveis anos.

ANIVERSÁRIO

No dia 14, festejou o seu aniversário a Senhora D. Maria do Sameiro Vieira, Esposa do sr. Ernesto Vieira, proprietários da «Rival» nesta Vila.

Que por muitos e muitos anos na companhia de seu marido e filhinha festeje o acontecimento são os votos de Tribuna Livre de quem são assinantes.

Aniversário

Maria Rosa da Silva Dias
(ROSINHA PENA)

No próximo dia 22, passa o aniversário da Senhora D. Rosinha Pena, esposa querida do nosso assinante sr. Armando Joaquim Dias, sobejamente conhecidos no nosso meio, pelas suas qualidades de trabalho e honestidade.

Tribuna Livre apresenta à aniversariante muitas felicidades e deseja-lhe uma festa natalícia muito alegre junto de seu marido e filhinhos.

PORTELA

Aniversário

Amanhã, dia 18, passa o aniversário natalício do sr. José João Rodrigues, conceituado comerciante e proprietário na vizinha freguesia de Portela e amigo da Tribuna Livre de longa data.

Desejamos-lhe um aniversário muito feliz junto de seus familiares, e que esta data se repita por anos sem fim, são os votos sinceros de Tribuna Livre.

Notícia de Caires e P. Secas

À laia de Despedida

Agora, no fim deste mês de Junho, que termina a nossa jurisdição e ao repartirmos os nossos direitos paroquiais com referência à freguesia de Paredes Secas, despedimo-nos oficialmente dos nossos queridos paroquianos dessa freguesia, que esteve anexa a Caires, durante nove longos anos!...

Santinhos os encontrei e santinhos os deixei, graças ao Senhor! Durante esse longo percurso, trabalhei quanto pude, até trabalhei de mais, sacrificando a minha saúde e até a minha vida por Eles. Passei por muito frio, vento e chuva e até por confortos materiais para lhes assistir a todos os confortos espirituais.

Alguém de lá, me disse algumas vezes: Você para que quer o dinheiro?... e eu, agora respondo-lhe: Foi para o gastar na minha doença

grave e seria que apanhei em curar a freguesia de Paredes Secas. Até a minha motorizada me criou sérias dificuldades materiais e espirituais.

Agora, com referência às notícias de Paredes Secas, devolvo os meus prezados leitores para o jornal «Encontro», onde abalizado e preclaro escritor as bem trazendo à luz da publicidade como gostosamente temos lido no jornal do mês de Maio: «À laia de apresentação».

As notícias de Caires ficarão para a próximo Semana, visto que, o presente número do nosso jornal: Tribuna Livre, se torna pequeno, para descrever, em resumo, as festas concelhias em honra de Santo António, que decorreram com o máximo brilho e esplendor. Parabéns ao nosso Concelho, às nossas queridas Autoridades, à brilhantíssima Comissão, parabéns ao Milho-Rei.

C.

Festas de S.to António

Donativos Recebidos

RELAÇÃO

Elísio Vieira de Macedo	108\$90
Américo de Carvalho — Alemanha	100\$00
Dr. Joaquim Pereira da Silva	500\$00
Felisberto Macedo	550\$00
Esmael de Carvalho	250\$00
Almeida & Carvalho.	150\$00
Pessoal da Modelar	460\$00
Nelson J. de Sousa	200\$00
Domingos da Cunha da Silva	500\$00
Manuel José Fernandes	500\$00
Freguesia de Barreiros	1.232\$50

**Ajuda o teu concelho auxiliando
a comissão de Festas.**

**Telefone dos Serviços dos
Bombeiros V. Amares 62162**

Pela Torre e por Fiscal

(Casa do Povo)

O inacreditável chegou ao meu conhecimento, embora não tenha interferência directa no assunto a não ser enquanto o facto é susceptível de certa reparação e, portanto, digno de ser levado ao conhecimento das autoridades competentes para a tomada de resolução, quando no domingo passado, ao visitar uma pessoa minha amiga, encontrei uma pequena sala superlotada de pessoas a presenciar um desafio de Futebol: Sporting-Benfica pela televisão. De momento, interoguei o dono da casa, neste caso a residência paroquial da Torre, do concelho de Amares, se não havia outra localidade onde as pessoas pudessem estar até mais comodamente.

Interoguei ainda várias pessoas presentes. E, qual a minha surpresa ao dizerem que havia uma *Casa do Povo*, servindo as freguesias de Torre e Fiscal, *Casa do Povo* que até possui um bom aparelho de televisão, naturalmente oferecido pelas entidades patronais, mas que não funciona desde fins de Dezembro de 1970, simplesmente porque a antena caiu por qualquer circunstância, talvez por deficiência de segurança etc.. Isto em linhas gerais é o facto.

No entanto apraz-nos fazer uma pequenina crítica, não por qualquer motivação, mas unicamente em prol do bem comum e porque muitas vezes o próprio povo não está preparado para fazer chegar às autoridades competentes os seus justos anseios, ou, até, porque não está para incómodos. Daqui, é necessário haver alguém que substitua o mudismo sobre factos intoleráveis como o presente.

Mas as queixas foram sur-

CALDELAS

Pombo correio estrangeiro Anilhado

Caldelas, 14, Apareceu, há dias, na residência do Sr. João de Oliveira, distribuidor dos C. T. T., desta localidade, um pombo correio com uma anilha e a inscrição seguinte: -N.º. 12402/71 A-Espanha.

Capela do Senhor da Saúde

Está sofrendo uma grande reparação a Capela do Senhor da Saúde, situada no centro desta localidade e estância termal.

O ciclone, último, lhe tinha causado grandes danos com desabamentos de árvores sobre os telhados.

gindo deste ou daquele, embora a medo, pois certamente, desconfiavam da autoridade severa do director da *Casa do Povo*, o senhor António de Azevedo, de Fiscal.

No entanto, disse-lhes que não tivessem medo e que falassem.

Pois queixavam-se dos festivais da eurovisão, dos festivais da canção em Portugal, de reportagens de futebol, de filmes e, mesmo, do programa infantil dedicado às crianças, etc..

Com franqueza! Isto não se admitel! De quem será a culpa? Ou estará a televisão proibida por alguém responsável de funcionar? Se está, parece lógico os sócios saberem de tal procedimento.

Contudo, se nenhuma ordem superior há sobre o

dito caso, denuncie-se o culpado e acabe-se de uma vez para sempre com aquilo a que o povo chama, e muito bem, a «tacharia». Cu se toma conta dos cargos sobre organismos para lhe dar a melhor administração possível, ou então, se apenas recebemos esses cargos para mostrar balofa categoria social, urge deitar as mãos à cabeça e reflectir um pouco, se ainda há tomada de consciência para reflectir.

Agarrar-se aos encargos públicos de responsabilidade para poder subir socialmente como as eras se agarram às paredes denota falta de personalidade.

Esperemos uma solução.

G. Rodrigues

As Serras

Quem não conhece as serras?

Como são lindas

todas cobertas de neve

Parecem lençóis brancos

Ou talvez cordeiros

de tal alvíssima cor

Ou talvez!

Quem não conhece as serras?

Que lindas que são

todas cobertas de arvoredos

Que lindas que são

Quando por entre o arvoredo

até parece

uma combinação

de cores.

Nas serras aparecem lobos

p'ra devorar os cordeiros

mas os cordeiros são brancos

e as serras brancas são.

Os lobos são negros

destoam por entre

os cordeiros e a neve!

Telefone dos Bombeiros V.

Amares 62162

Notas à margem

um passeio memorável

(Continuado da 1.ª página)

a vetusta e artística Sé Lamaçense, — Património da imorredoura Igreja de Cristo!

E prosseguimos. Íamos entrar na Beira Alta. As vinhas verdejantes haviam desaparecido. Era a vez dos canteiros e frutas de pomar. Mais uns quilómetros e vislumbramos além, envolta no seu arvoredado frondoso, de um verde de esmeralda, a velha cidade visiense, orgulhosa nos seus pergaminhos históricos. Era o ponto de paragem para pernoitar e jantar. Houve festa de anos — o Zé Paulo foi homenageado pelos pais — e os amigos, que o souberam na ocasião, até fizeram brindes. Mas estava escrito que, de manhã, por volta das 7, ninguém poderia manter preguiça. A ordem era de partir, pois a caminhada desse dia era longa. E assim foi. O dia nascera ridente de mistura com neblina a impedir a vista da paisagem, mas que não tardou em dissipar-se, deixando coar, como imensas pernas de gigante, os raios do Astro Rei que nos queria presentear. E depois de umas boas dezenas, satisfeitos da contemplação de antigos castelos alcandorados nos morros e cercados de soutos, com o vale imenso, pano de fundo da montanha, e povoações perdidas nas vertentes, debruadas de olivais em flor, chegamos à cidade da Guarda que, a despeito de «farta, fria e feia» nos proporcionou assistir à missa

Condições de Assinatura

Continente	
Ano	50\$00
Semestre	25\$00
Ilhas	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	60\$00
Semestre	30\$00
Brasil	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00
Estrangeiro	

e Províncias Ultramarinas

Avião—ano	150\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
semestre	40\$00

dominical. Mas o nosso objectivo era, agora, a cidade da Covilhã, que acabamos por atingir depois da magestosa panorâmica das terras do Íclito e Nobre Descobridor do Brasil — Pedro Álvares Cabral — que conservamos na retina.

A Covilhã, cidade acrópole, laboriosa nas suas fábricas de lanifícios e empolgante nos edifícios públicos de construção sólida, de granito moreno, fez-nos lembrar o velho e culto País Helénico. Aqui, almoçamos e tomamos um pouco de fôlego para a escalada que ia começar. Penhas da Saúde e Serra da Estrela. Perplexos e atónitos perante tanta beleza natural, é inenarrável o que nos foi dado ver. A Serra da Estrela, a mais alta do País Lusitano, com as suas lagoas para armazenar as águas dos degelos, é livro aberto à meditação e demonstra que não só os céus narram a glória de Deus, como se lê nos salmos, mas também a Terra.

Altiva nos agrestes píncaros de ascensão inacessível, que só para alpinistas destemidos, a Estrela é maciça no seu conjunto granítico.

A quem a observa de longe nesta parte do ano, em que as neves ainda se mantêm, dá a impressão de um gigante incomensurável vestido de enormes faixas de prata.

E depois de brincarmos, atirando bolas de neve uns sobre os outros, posámos para o fotógrafo Ulisses «matar o grupo»... A hora ia adiantada, era preciso partir. Adquirida a prenda para ofertar a um que não foi, embora tivesse dito que não faltaria... descemos para Seia a caminho do Busaco, que admiraríamos no pitoresco da sua espessa mata. Estávamos na estrada Coimbra - Porto. Com jantar marcado em Águeda, aproximava-se o fim deste memorável passeio, sem dúvida bem organizado, mas nem sempre com boa comida... Para comer bem, caro leitor, digam o que disserem, é só no Minho! Porém a culpa não foi do organizador.

Para fecho, e com a devota vénia, transcrevo a quadra inserta em prato de parede, que todos lemos, na pensão em que almoçamos na Covilhã:

Tem minha casa um brasão
Dentre todos o mais nobre:
Recebe sem distinção
Tanto o rico como o pobre.
N. Gonçalves

Leia

Propague e assine
«Tribuna Livre»